

Resenha da obra “Ética, Política, Razão e Religião: Festschrift em homenagem a Marcelo Perine” por Antonio José Romera Valverde, Francisco Valdério, Helder Buenos Aires de Carvalho, Judikael Castelo Branco e Luis Manuel A. V. Bernardo

Review of the book “Ética, Política, Razão e Religião: Festschrift em homenagem a Marcelo Perine” by Antonio José Romera Valverde, Francisco Valdério, Helder Buenos Aires de Carvalho, Judikael Castelo Branco e Luis Manuel A. V. Bernardo

Pe. Juan Antonio Guerreo Alves, SJ ^[a]

Salamanca, Espanha

^[a] Centro de Espiritualidade Santo Inácio

Como citar: GUERREO ALVES, Pe. Juan Antonio. Resenha da obra “Ética, Política, Razão e Religião: Festschrift em homenagem a Marcelo Perine” por Antonio José Romera Valverde, Francisco Valdério, Helder Buenos Aires de Carvalho, Judikael Castelo Branco e Luis Manuel A. V. Bernardo. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 37, e202532467, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2965-1557.037.e202532467>

VALVERDE, Antonio José Romera; VALDÉRIO, Francisco; CARVALHO, Helder Buenos Aires de; BRANCO, Judikael Castelo; BERNARDO, Luis Manuel A. V. (eds.). *Ética, Política, Razão e Religião: Festschrift em homenagem a Marcelo Perine*. São Paulo: Educ, 2024.

[a] Licenciado em Economia, Filosofia e Letras pela Universidad Autónoma de Madrid, e-mail: jaguerreroalves@gmail.com

A publicação comemorativa em homenagem ao professor Marcelo Perine em seu 70º ano de vida é um merecido reconhecimento a uma vida dedicada ou consagrada com grande generosidade à Filosofia, seja como professor, pesquisador, tradutor, editor ou gestor acadêmico.

Não é comum que esse tipo de trabalho, com colaborações tão variadas, seja lido com prazer. Não é o caso desta obra, em que a maioria das contribuições deste volume é lida com verdadeiro deleite. Talvez porque, além de boas razões e argumentos, muitas das contribuições contenham bons sentimentos e a manifestação de uma amizade intelectual ou pessoal que torna o mundo mais habitável.

O livro começa com um magnífico prefácio de Gian Luca Potestà, que oferece uma visão justa, sintética e completa da vida e obra de Marcelo Perine. Ele traça sua formação jesuíta, a influência do Pe. Vaz, de quem muitos o consideram herdeiro, tanto pelos estudos platônicos que ocuparam grande parte de sua pesquisa quanto pela escolha do tema de seu doutorado, Eric Weil, esse kantiano pós-hegeliano que o colocou em contato com a filosofia moderna. E mostra como o ensino, a pesquisa e o trabalho editorial de Perine na revista Síntese e nas edições Loyola também ajudaram a introduzir no Brasil outros grandes autores contemporâneos de renome internacional, além de Weil: MacIntyre, Taylor, Reale, Szlezák, Berti etc.

A primeira seção reúne obras que dialogam com Perine e com os autores que mais o influenciaram ou com os temas por ele tratados (Vaz, Weil, MacIntyre, Maritain, violência, política etc.). A primeira seção como um todo ajuda a entender sua trajetória filosófica. A segunda e a terceira seções são dedicadas aos autores e temas mais intimamente ligados ao seu caminho intelectual, a segunda a Platão e a terceira a Vaz e Weil. Na quarta seção, alguns bons amigos oferecem outras contribuições que tratam de assuntos menos ligados à obra de Perine.

Claudia Maria Rocha de Oliveira começa a primeira seção construindo uma bela tapeçaria, tecendo os fios da influência do Pe. Vaz sobre Perine, desde a escolha do autor de seu doutorado (Eric Weil) até a adoção de Platão como tema de pesquisa. Também na compreensão da tarefa de filosofar, pode-se adivinhar a sombra de Vaz.

Helder Buenos Aires de Carvalho faz uma revisão muito oportuna, sintética e ajustada da obra de MacIntyre, sua evolução e sua recepção no Brasil, na qual Marcelo Perine tem um papel importante com a edição de 1991 de *Justiça de quem? Qual racionalidade?*

Evanildo Costeki confronta o contentamento weiliano – que Perine, como filósofo, assume e interpreta – com três outras visões que têm sido apresentadas ao longo da história sobre a origem da filosofia: a admiração, a dúvida e as situações-limite. O ser humano é regido por forças naturais comuns aos animais; mas, por sua ação e reflexão sobre ela, descobre-se capaz de se opôr à violência que rege as relações naturais, encontrando contentamento na razão.

Francisco Valdério, que se reconhece influenciado pela filosofia de Weil e pela interpretação de Perine, reflete sobre a política e a guerra na esteira desses autores, a relação entre eles e o entrelaçamento da razão e da violência, que se articula de formas diferentes na política e na guerra.

Patrus Ananias de Souza estabelece um diálogo com Perine sobre Jacques Maritain, a quem Perine dedicou alguns trabalhos, a fim de recuperar o legado do filósofo francês, cuja atualidade ele defende de forma inteligente e persuasiva.

A segunda seção dedica-se a Platão, a quem Perine dedicou muitos anos de pesquisa, e inclui três estudos escritos por autores importantes. Livio Rosetti apresenta a grande mudança cultural que ocorreu na

Atenas do século V: desenvolvimento e confiança na escrita, mudanças no discurso e no interesse, que se deslocou do físico para o relacional.

A contribuição magistral de Thomas Alexander Szlezák mostra como Platão se concebeu como filósofo, a avaliação de si mesmo como o maior pensador, a influência de suas origens aristocráticas, que o levou a conceber a ideia, felizmente malsucedida, de substituir o paradigma educacional épico-literário por aquele moldado pelo espírito de seus diálogos.

A seção sobre Platão termina com outro artigo extraordinário de Maurizio Migliori, sobre a verdade para Platão. Reconhecendo que “sobre Platão já foi dito tudo e o contrário de tudo” (Cf. MIGLIORI, Platone e la difesa della “verità”, Festschrift em homenagem a Marcelo Perine, p. 146.), ele propõe duas premissas que constituem seu método de leitura da obra de Platão: uma abordagem multifocal, mais frutífera do que uma abordagem evolutiva, fadada à contradição e ao fracasso; e uma concepção da escrita como “jogo”, que aponta os temas, mas que deve deixar espaço para que “o sério” seja comentado oralmente. O resultado é o fim da condenação da sensação ou da opinião verdadeira, reconhecendo seu papel na busca da ciência e da verdade.

O professor Ivan Domingues abre a terceira seção dedicada a Pe. Vaz e Eric Weil, oferecendo a Perine uma releitura bem pesquisada do “Vaz político”. Nela, ele traça as fases de seu pensamento por meio de alguns de seus escritos e as fases de seu relacionamento com a política, a primeira mais alinhada com a esquerda católica, embora a partir de uma filosofia personalista, e a segunda, após um período de silêncio obsequioso seguido por um período de retiro completamente dedicado à academia, com críticas à teologia da libertação, expressando seu medo de que a teologia e a fé cristãs fossem canibalizadas pelo marxismo e pela política. Trata-se de um documento de grande interesse para a compreensão da história da filosofia e da política no Brasil na segunda metade do século XX.

João Augusto Mac Dowell, em seu último escrito, poucos dias antes de sua morte, apresenta aspectos relevantes da filosofia de Vaz, talvez hoje um pouco esquecidos. A filosofia de Vaz não é uma discussão sobre as interpretações de outros pensadores; mas, a partir do que outros já pensaram, da rememoração, Vaz reflete sobre a realidade histórica em que vive. A dialética também faz parte de seu método, e sua filosofia visa a um sistema. Mac Dowell mostra com conhecimento e autoridade como Vaz constrói o sistema de sua Antropologia Filosófica e Ética Filosófica. Em sua exposição, ele também aborda as preocupações fundamentais de Vaz e sua crítica à modernidade. A articulação da história e da transcendência pode ser uma chave para a leitura de sua obra.

Judikael Castelo Branco, inspirado pelo Perine homem de diálogo, reflete sobre a responsabilidade social do filósofo no rastro de Eric Weil. Começa apresentando o modo como Eric Weil lida com a violência; num segundo momento, se confronta com “o homem da ciência”, “o homem político” e “o homem da ideologia”, três figuras da modernidade; e termina retomando a responsabilidade social do filósofo de manter abertos os caminhos do diálogo entre os seres humanos, que muitas vezes tendem à violência. Responsável pelo diálogo e participante da construção das condições para o diálogo – sempre entendido como um exercício de liberdade, pensamento e ação razoável.

Luis Manuel A. V. Bernardo oferece uma reflexão lúcida sobre outro tema caro a Perine: a democracia; nesse caso, sob a perspectiva da crise ou “fragilização democrática” pela qual nossas sociedades estão passando. Seguindo os passos de Weil, ele examina as condições de existência da democracia, em especial o que se entende filosoficamente pela atitude/categoría da “discussão”, como exercício da liberdade

e da racionalidade humana, que pode ser condição suficiente para a democracia, ainda que uma democracia *in fieri*, nunca plenamente realizada, “sempre a ser realizada”.

Patrice Canivez encerra a terceira seção com uma exposição primorosa, fiel e pedagógica do pensamento de Eric Weil sobre a filosofia como profissão e seu caráter essencial no sistema educacional, do ponto de vista ético e político, para a participação democrática. A profissão de filósofo, além de fomentar a capacidade de diálogo e promover uma ética do diálogo, deve oferecer à geração mais jovem a oportunidade de expressar sentimentos de injustiça e falta de sentido em um discurso conceitualmente explícito e estruturado, capaz de influenciar as decisões a serem tomadas. A reflexão filosófica, por si só, não gera uma democratização efetiva na sociedade, mas deve ser reconhecida como um valor essencial na educação secundária e universitária para que a democratização avance.

A quarta seção reúne contribuições de amigos de Perine, não vinculados, pelo menos aparentemente, aos temas e autores tratados por Perine. Luiz Bernardo Leite Araujo trata da tensão entre fé e conhecimento no discurso filosófico sobre a religião no contexto da modernidade, quando a religião tornou-se preocupação e assunto filosófico. Essa relação entre fé e conhecimento está presente tanto na obra de Perine quanto na de Vaz.

Luiz Rohden faz um elogio erudito e bem articulado das humanidades e de suas utilidades, típico de um humanista; mostra a utilidade do que é socialmente considerado inútil, desconstruindo o discurso da inutilidade das humanidades, apontando a utilidade da arte, da literatura e da filosofia, e como a formação em humanidades contribui para o crescimento em termos pessoais, sociais, políticos e ecológicos.

Antonio José Romera Valverde, com sua vasta cultura, compõe uma espécie de pintura impressionista com uma infinidade de pinceladas sugestivas de autores muito diversos que escreveram sobre a guerra e a paz. De Ésquilo e Tucídides, conhecemos a natureza desproporcional e absurda do despropósito da guerra; com Tolstói, sabemos de sua degradação moral; com Brecht, que a guerra e a paz são como a tempestade e o vento: “a guerra nasce da sua paz/ [...] Ela tem / os mesmos traços terríveis. / A sua guerra mata / o que a sua paz/ deixou de resto” (Cf. BRECHT, *Poemas 1913-1956*, São Paulo: Ed. 34, 2012, p. 158). A alienação, o neoliberalismo e a ideologia materialista não dão trégua na paz. Na guerra pré-capitalista ou pré-moderna, o objetivo da guerra (pilhagem) terminava quando a guerra acabava; na guerra moderna, a realização de seus principais objetivos (de controle ou dominação econômica de uma população ou território) começa somente após a vitória militar. No final das contas, “o absurdo e a violência ainda são onipresentes” (Cf. PERINE, *Filosofia e violência*, São Paulo: Ed. Loyola, 2013, p. 293) e a reflexão da filosofia busca e pode ajudar no desaparecimento da violência no mundo.

Em sua contribuição, Mario Ariel Gonzalez Porta propõe uma série de diferenciações hermenêutico-categoriais para esclarecer a controvérsia do psicologismo (*psychologismusstreit*), que já existe há dois séculos, atingindo seu auge no fim do século XIX e início do século XX. Ao longo de suas páginas, o autor oferecerá uma série de distinções que permitirão ordenar melhor o material da discussão.

Ivo Assad Ibri e Ryan Matthew Holke oferecem reflexões sobre investigação, crença e conduta no pragmatismo de Pierce, com foco em seu ensaio “Um argumento negligenciado para a realidade de Deus”, no qual Pierce propõe o conceito de “jogo de devaneio” (*play of musement*) em sua dimensão pragmática, que é uma forma de apreender uma espécie de resíduo do mundo deixado de lado pela racionalidade lógico-mediadora, que dá acesso a aspectos do sentido que não se deixam encerrar em conceitos ou na regularidade das leis lógicas.

Marcelo Fernandes de Aquino encerra esta quarta e última seção com uma exposição acurada e precisa do conceito hegeliano de dialética: aquela forma de razão que “desenha a unidade originária do conceito no tempo”. Como em outras publicações dele, Aquino mostra que a relação entre lógica e história constitui o núcleo duro do conceito hegeliano de dialética. Aquino expõe, ao relacionar a *Ciência da Lógica* com a *Fenomenologia do Espírito*, como a racionalidade dialética estabelece um vínculo entre a ontologia e o método, conforme mostram a linguagem, a reciprocidade e a historicidade.

É um prazer poder ler um conjunto de trabalhos de tão alta qualidade, encontrar um livro de homenagem tão bem-sucedido, com contribuições tão sugestivas que, acima de tudo, abrem o apetite para aprofundar nos autores e nos temas.

Se tivesse que apontar alguma lacuna na obra, como costuma acontecer nesse tipo de homenagem, diria que “são todos os que estão”, mas “não estão todos os que são”. Como geralmente acontece, faltam contribuições de alguns bons amigos acadêmicos que gostariam de ter participado. E, acima de tudo, há um tema ou um autor que me parece estar presente no subsolo da obra de Perine e que, exceto na apresentação de Potestá, mais acostumado a temas religiosos, não foi acenado. Refiro-me à influência de Jesus de Nazaré e Santo Inácio de Loyola em Perine.

Na dedicatória de seu livro *Filosofia e violência* a um querido amigo, Perine escreveu: “O ‘logos do discurso eterno na sua historicidade’ (E.W.) aponta para uma Palavra, eternamente pronunciada e oportunamente incarnada na nossa história! Filosofar é também ouvi-la”.

Além de uma vida ordenada e rigorosa, que ele manteve depois de seu tempo como jesuíta – assunto acenado por Potestà –, antes de aprender com Sócrates que “uma vida sem exame não vale a pena ser vivida”, ou com Eric Weil que “o ponto de partida para a reflexão crítica sobre a sociedade é a autorreflexão” (PLATÃO, *Apologia*, 38A; WEIL, *Filosofia política*, São Paulo: Ed. Loyola, 2011, p. 73), Perine, sob a influência de Santo Inácio, praticava diariamente o exame de consciência e a gratidão. Antes de se aproximar de Weil para pensar sobre a ação dessa forma sinóptica, considerando os problemas em sua complexidade e inter-relações com o objetivo de tomar uma decisão, Perine foi treinado na escola do discernimento, a estar atento à ressonância que a realidade deixa no próprio interior, e ouviu que “quem determina pouco entende pouco e ajuda menos” (SAN IGNACIO DE LOYOLA, “Carta a Teresa Rejadell del 11 de septiembre de 1556”, en: *Monumenta Historica Societatis Iesu, Epistolae et instrucciones*, I, Madrid, 1925, p. 108). Seus compromissos éticos também têm recebido alguma influência inaciana, já que em sua juventude ele se sentiu chamado para a Companhia de Jesus, cuja vocação é “ajudar as almas”, em que “o sujeito dos outros é mais importante do que os próprios desejos” (SAN IGNACIO DE LOYOLA, “Carta a sor Teresa Rejadell de 18 de Junio de 1536”, en: *Monumenta Historica Societatis Iesu, Epistolae et instrucciones*, I, Madrid, 1925, p. 106.). E fico imaginando se o interesse pelo “contentamento” weiliano não teria alguma relação com a pergunta com a qual os superiores da Companhia de Jesus costumavam começar suas entrevistas com os jesuítas: “Você está contente?”

Referências

BRECHIT, Bertolt. *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Ed. 34, 2012.

MIGLIORI, Platone. Platone e la difesa della "verità". In: VALVERDE, Antonio José Romera; VALDÉRIO, Francisco; CARVALHO, Helder Buenos Aires de; BRANCO, Judikael Castelo; BERNARDO, Luís Manuel A. V. (Orgs.). *Ética, política, razão e religião: Festschrift em homenagem a Marcelo Perine*. São Paulo: EDUC, 2024. p. 146.

PERINE, *Filosofia e violência*, São Paulo: Ed. Loyola, 2013.

PLATÃO. *Apologia*. 38A.

SAN IGNACIO DE LOYOLA, “Carta a Teresa Rejadell del 11 de septiembre de 1556”, en: *Monumenta Historica Societatis Iesu, Epistolae et instrucciones*, I, Madrid, 1925.

SAN IGNACIO DE LOYOLA, “Carta a sor Teresa Rejadell de 18 de Junio de 1536”, en: *Monumenta Historica Societatis Iesu, Epistolae et instrucciones*, I, Madrid, 1925

WEIL, Simone. *Filosofia política*. São Paulo: Ed. Loyola, 2011. p. 73.

Editores responsáveis: Léo Peruzzo Júnior e Jelson Oliveira.

RECEBIDO: 22/01/2025

RECEIVED: 01/22/2025

APROVADO: 22/01/2025

APPROVED: 01/22/2025

PUBLICADO: 02/05/2025

PUBLISHED: 05/02/2025